



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **O INGLÊS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: OS EFEITOS DO DISCURSO NEOLIBERAL NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.**

Melina Ribeiro Rodrigues

*Universidade Federal de Campina Grande-PB*

*E-mail: melina\_rribeiro@hotmail.com*

### **Resumo**

Este artigo trata-se de um recorte da análise de nossa dissertação de mestrado intitulada “As representações de língua inglesa na construção dos saberes: os fatores (des) motivadores no ensino e aprendizagem de inglês em uma Escola Estadual de Campina Grande-PB”, sob orientação do prof. Dr. Marco Antonio Margarido Costa. Neste artigo, analisamos os efeitos do discurso neoliberal de globalização no ensino aprendizagem de língua inglesa. A importância de aprender inglês é tema central do discurso de globalização, no entanto, diante desse contexto, a língua inglesa é representada como mercadoria de uma sociedade cada dia mais consumista e imediatista. Essa realidade se estende à sala de aula dificultando um ensino/aprendizagem mais crítico e reflexivo sobre o inglês. Diante dessas considerações, nosso objetivo geral consiste em analisar os efeitos do discurso neoliberal de globalização na prática pedagógica de uma professora da disciplina de inglês em uma turma de 3ª ano do Ensino Médio. A nossa análise tem como fundamento teórico principal as teorias da Análise do Discurso (AD) vinculadas aos nomes de Bakhtin (1929/2006); Foucault (1969/2012). A partir da análise de dados, é possível detectar nos discursos da professora de LI e na sua prática pedagógica as marcas do discurso neoliberal de globalização e suas consequências: o inglês com propósitos utilitaristas, o ensino/aprendizagem baseado na normatização da língua, o inglês como um instrumento de desigualdade.

**Palavras-chave:** Discurso neoliberal, globalização, ensino/aprendizagem, língua inglesa, análise do discurso.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>03</b>
<b>3. ANALISANDO OS EFEITOS DO DISCURSO NEOLIBERAL DE GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE LI.....</b>	<b>04</b>
3.1 O discurso do professor como objeto de análise.....	04
3.2 A prática pedagógica como objeto de análise.....	06
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>11</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>12</b>



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Pretendemos apresentar neste artigo alguns resultados da análise inicial do *corpus* de nossa dissertação de mestrado intitulada “As representações de língua inglesa na construção dos saberes: os fatores (des) motivadores no ensino e aprendizagem de inglês em uma Escola Estadual de Campina Grande – PB”, sob orientação do prof. Dr. Marco Antonio Margarido Costa da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Neste artigo, analisaremos o Ensino de língua inglesa, doravante LI, a partir da observação de aulas em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, no período entre 17 de março a 02 de junho de 2016. A motivação para esta pesquisa se justifica na busca por um ensino/aprendizagem mais crítico sobre a LI diante do contexto de globalização. Nossa proposta consiste em promover uma reflexão sobre o ensino de LI na atual conjuntura, a fim de desconstruir o discurso neoliberal de globalização que de forma hegemônica postula o inglês enquanto *commodity*, ou seja, mercadoria do mundo globalizado. Essa concepção chega à sala de aula de língua inglesa, através de uma memória discursiva que postula o inglês como pré-requisito para a inclusão da sociedade no mercado de trabalho, ascensão profissional, comunicação, carreira acadêmica entre outros propósitos utilitaristas que exigem o conhecimento dessa língua estrangeira. Logo, a ideia de dominação do inglês remete a ideia de dominação linguística dessa língua, o que reforça a visão da língua como produto, e ofusca seus fatores sociais históricos e culturais, fatores esses que contribuem para um conhecimento reflexivo. Dito de outro modo, a aprendizagem do inglês no mundo globalizado se torna mecânica e baseada na normatização da língua, motivo pelo qual a difusão desse idioma permanece nos moldes imperialistas.

Neste artigo reforçaremos que aprendizagem de uma língua consiste em um processo que vai além do conhecimento linguístico, muito embora seja notória a permanência do estruturalismo behaviorista ainda no ensino de línguas estrangeiras em nosso país. Sabemos que o conhecimento lexical da língua é imprescindível para aprendizagem de uma língua, no entanto trabalhar esse aspecto da linguagem de forma isolada, sem considerar os aspectos sociais culturais e históricos da língua implica em uma visão simplista e utilitarista sobre a LI. A interação entre sujeito e língua estrangeira sempre, e de alguma forma, terá implicações sob a subjetividade humana, seja positivamente ou negativamente. Assim, a aprendizagem de uma língua estrangeira ressignifica o sujeito. A partir do contato com a língua do outro o sujeito inevitavelmente construirá algum sentido, seja por movimentos de identificação ou rejeição, considerando que as línguas são representadas pela sociedade a partir das ideologias que as concebem enquanto língua. Quando expostos a uma

ideologia, os sujeitos se posicionam em relação a essa ideologia emitindo algum juízo de valor como: bom, ruim, agradável, desagradável, por exemplo. Isso também acontece na interação entre sujeito e língua, discursos como “o inglês é fácil, o francês é chique, o português é complexo”, são exemplos de juízos de valor, socialmente construídos, que representam uma língua em função de uma ideologia dominante. Essas representações como fora dito, são produtos ideológicos e sociais e se repercutem tanto de forma parafrástica, como também polissêmica em diferentes contextos. Portanto, o ensino de uma língua por mais que se resuma ao conhecimento linguístico, produzirá, ainda assim, uma série de sentidos para os sujeitos aprendizes, tendo em vista que esse processo não é mecânico, mas sim social.

Essas discussões são relevantes, pois servirão de suporte para o presente artigo que tem como foco o ensino/aprendizagem da LI em tempos de globalização. Diante desse contexto, a LI é representada predominantemente por um discurso fundamentado na ideologia neoliberal, que é reproduzido em massa pela mídia brasileira, influenciando todas as esferas do país: cultural, comercial, industrial, educacional, e até na vida cotidiana da sociedade. Nessa perspectiva, a LI é supervalorizada como língua global, do sucesso, que simboliza status e progresso. Com base nessas considerações, o presente artigo tem como **objetivo geral** analisar os efeitos do discurso neoliberal de globalização na prática pedagógica de uma professora da disciplina de inglês em uma escola pública da cidade de Campina Grande - PB. No que se referem aos **objetivos específicos** estes buscarão: 1) Identificar as marcas da ideologia neoliberal presentes no discurso da professora sobre a língua inglesa; 2) Analisar na prática pedagógica da professora de que forma o discurso neoliberal de globalização se relaciona ao paradigma tradicional de língua. 3) Avaliar como a professora enxerga na sua prática pedagógica o discurso de globalização que aborda o inglês como produto de consumo da sociedade pós-moderna.

Esta pesquisa está fundamentada nas teorias fundadoras da Análise do Discurso ao abordar questões que dizem respeito: ao discurso como uma construção social e ideológica a luz de Bakhtin, (1929/2006); as relações de poder que permeiam o discurso, de acordo com Foucault, (1969/2012). Essas teorias servirão de suporte para os estudos de Bauman (1999) sobre o ensino/aprendizagem como um dispositivo de controle social no mundo globalizado; Ferraz (2015) sobre os efeitos do neoliberalismo no ensino/aprendizagem de língua inglesa; Freitas (2004) sobre o ensino/aprendizagem baseado em uma abordagem por competência; Coracini (2003/2007) sobre os mitos no ensino/aprendizagem de língua inglesa e as representações do professor de LI.

## 2. METODOLOGIA

Este artigo apresenta um recorte da análise de dados de nossa dissertação de mestrado que tem como propósito analisar o ensino/aprendizagem da língua inglesa em tempos de globalização. Uma vez que o objetivo da pesquisa é analisar os efeitos do discurso neoliberal de globalização no ensino/aprendizagem de língua inglesa, achamos apropriado desenvolver uma pesquisa qualitativa, tendo em vista que pretendemos analisar e interpretar aspectos complexos da realidade humana que não podem ser mensurados. (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Para realização do trabalho utilizamos uma pesquisa explicativa orientada por um estudo de caso. A pesquisa explicativa se justifica tendo em vista nossa pretensão em identificar e analisar os efeitos do discurso de globalização no ensino/aprendizagem de LI, a fim de explicar as causas dessa interferência no contexto educacional de sala de aula. (MOREIRA; CALEFFE, 2008). No que se refere ao estudo de caso, consideramos sua apropriação para a construção de uma investigação empírica, que pesquisa fenômenos a partir do seu contexto real. (YIN, 2007).

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio na cidade de Campina Grande-PB. No que se refere aos participantes da pesquisa, escolhemos uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, com 20 alunos de faixa etária entre 17 à 19 anos e a professora titular da referida turma.

Com o intuito de descrever e analisar a prática pedagógica das aulas de inglês, bem como a interação e o contexto da sala de aula, utilizamos os seguintes instrumentos para coleta de dados: questionário, notas de observação de aulas e gravações das mesmas no período entre 17 de março a 02 de junho de 2016, o que compreende um total de doze aulas, com duração de cinquenta minutos cada, observadas sob permissão da escola, da professora e mediante deferimento do Comitê de Ética e Pesquisa da Plataforma Brasil.

### 3. ANALISANDO OS EFEITOS DO DISCURSO NEOLIBERAL DE GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE LI

Nesta seção, apresentaremos uma análise dos discursos da professora sobre a língua inglesa, bem como a análise da sua prática pedagógica. Esta seção está dividida em duas partes: 1) o discurso da professora; 2) A prática pedagógica da professora.

#### 3.1 O discurso da professora como objeto de análise

Nesta subseção analisaremos o discurso da professora enquanto um discurso teórico. Para isso, utilizamos como instrumento de análise o questionário. Nesse questionário a professora expõe suas representações sobre a língua inglesa, como também se descreve enquanto sujeito, na condição de professora de LI.

#### Figura 1:

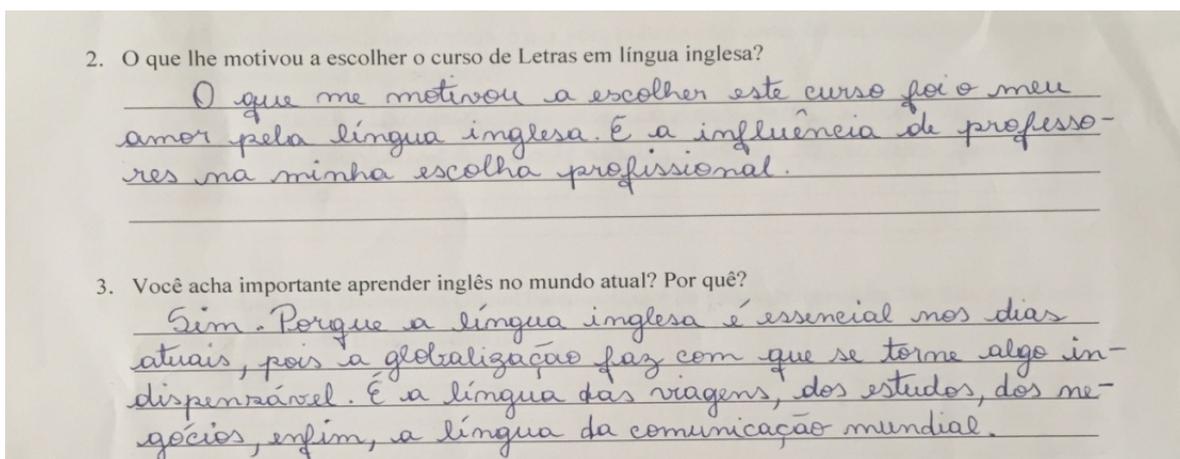


FIGURA 1: QUESTIONÁRIO APLICADO PARA PROFESSORA DE LI. ELABORADO PELA AUTORA.

Nesta figura, diante a pergunta 2 sobre a motivação que a levou escolher o curso de letras em língua inglesa, a professora responde considerando os fatores: amor pela língua e influência dos seus antigos professores. Nessa resposta, podemos perceber que a relação de amor com a língua inglesa pode ser resultado da ideologia existente sobre o inglês e a cultura americana que remete ao sucesso, a felicidade, ao desenvolvimento e conseqüentemente ao poder dessa nação no mundo. Nesse sentido, é interessante observar que o imaginário da professora sobre a LI é marcado pela ideologia neoliberal que tem como objetivo mostrar a cultura americana de forma idealizada para atrair a sociedade ao famoso sonho americano e incentivar o consumo dos produtos da indústria norte-americana. Por traz desse imaginário está o que Coracini (2007) chama do mito do

estrangeiro, que valoriza primordialmente as superpotências econômicas representadas pelas culturas Americana e Européia, pois tudo que vem dessas culturas é considerado de melhor qualidade e mais moderno. Fato esse, que mostra nitidamente como as relações de poder instauradas no ensino/aprendizagem estão associadas a questões mercantilistas. No que diz respeito à influência dos professores na decisão de fazer letras inglês, podemos constatar que a carga ideológica e os índices de poder do discurso dos professores influenciam no imaginário de seus alunos. Isso remete a noção de dialogismo postulada por Bakhtin (1929/2006), em que a enunciação acontece a partir de um movimento dialógico de interação entre locutor e interlocutor. O locutor enuncia em função da existência de um interlocutor, e toda enunciação exige do interlocutor uma atitude responsiva ativa, o que significa que todo discurso emitido interpela o sujeito interlocutor a se posicionar responsivamente sobre o discurso proferido. Nesse sentido, é importante que o professor promova reflexões críticas sobre a língua inglesa, pois os discursos ideológicos dos professores muitas vezes influenciam a subjetividade dos alunos.

Na terceira pergunta, o discurso da professora é atravessado pelo discurso neoliberal de globalização. As palavras: “essencial” e “indispensável” marcam o discurso hegemônico, imperialista e excludente sobre a língua inglesa. Não existem opções para a sociedade, tendo em vista que o inglês é indispensável e essencial, assim, quem não souber inglês estará às margens da sociedade globalizada. No trecho: “É a língua das viagens, dos estudos, dos negócios, enfim, a língua da comunicação mundial”, observamos os diversos propósitos da língua inglesa, porém marcados pelos interesses neoliberais em que o inglês é considerado ora como um produto de consumo para viagens, negócios e comunicação mundial, ora como produto do conhecimento para os estudos, o que mostra a mercantilização da língua inglesa em todos os propósitos citados pela professora.

## Figura 2:

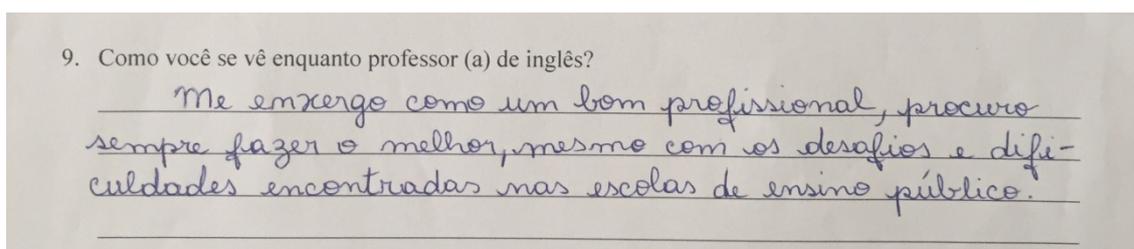


FIGURA 2: QUESTIONÁRIO APLICADO PARA A PROFESSORA DE LI. ELABORADO PELA AUTORA

Nessa figura, em relação a descrição da professora sobre si, observamos a concepção do ensino público como um contexto de dificuldades e desafios que torna a tarefa do professor árdua. Essa concepção é resultado dos discursos de insatisfação sobre a educação brasileira em Escolas Públicas que sempre remetem a: falta de capacitação profissional, a falta de estrutura e investimento governamental, carga horária insuficiente, e a falta de interesse dos alunos.

Ao dizer que se considera uma boa professora, esse discurso transmite por um lado, uma ideia de frustração em virtude das dificuldades do ensino público como mostra o trecho: “mesmo com os desafios e dificuldades encontradas (...)” e por outro lado, de acordo com a frase: “procuro sempre fazer o melhor”, a professora transmite o sentido de satisfação e completude. Essa auto-imagem que a professora faz de si é recorrente das representações sobre o professor postuladas por décadas passadas, porém que perduram até hoje no imaginário da sociedade. Coracini (2003) explica essas representações do professor como herói, missionário e ator. O professor herói é aquele que tem função de modificador de destinos, o professor é interpelado pela sociedade a assumir posição heróica. Verifica-se uma transferência de responsabilidades para o professor, onde o mesmo tem desempenhar tanto o papel de professor como também o papel de pai, mãe, terapeuta, pedagogo. As exigências atribuídas ao professor são sempre de grande dimensão, vão sempre além do âmbito escolar até os problemas de cunho pessoal dos alunos. Quanto ao professor missionário, recorre-se a ideia de dom, ideia essa que desvaloriza o professor enquanto profissional que precisou se capacitar para lecionar. E por último o professor como ator que surge nas décadas de 70 com o método comunicativo de línguas, nesse estereótipo o professor precisa entreter os alunos para que esses se mantenham atentos as aulas.

### **3.2 A prática pedagógica como objeto de análise**

Nesta subseção analisaremos o discurso da professora a partir da sua prática pedagógica. Para isso escolhemos como instrumento de análise as gravações das aulas, pois apresenta os discursos da professora a partir de um contexto real de aplicação prática. Nos trechos a seguir, o ensino de inglês acontece de forma tradicional quando a professora apresenta a estrutura linguística descontextualizada da realidade dos alunos ao explicar o verbo to be. Utilizo a letra ‘P’ para me referir à professora. Vejamos alguns excertos que mostram o discurso da professora em sua prática:

**Instrumento: gravação de aula****Excerto 1(aula do dia 19 de maio):**

P: “Na forma negativa seria, she is not, certo? Que é a forma negativa. Eu não sei a tradução disso... não tem problema, porque aqui na questão pede pra marcar a alternativa correta do verbo to be, então presta atenção no verbo to be, certo? Mesmo não sabendo a tradução disso aqui [incompreensível] então essa questão da letra B está errada, porque não é she aren't, é she isn't. É só saber o verbo to be, né. I am, you are, she is, tem tudo aí no caderninho de vocês. Como a prova vai ser pesquisada é só observar como é que se conjuga o verbo to be, olha no caderninho, como é que tá”.

**Excerto 2 (aula do dia 19 de maio):**

P: “Ela esta correta? Tá né? Porque o complemento de she é is. E o verbo esta na frente do sujeito. O sujeito é she, o verbo é is, o restante da frase mais a interrogação. Certo? É só inverter. Verbo, sujeito, resto da frase e interrogação”.

Uma explicação para esse ensino baseado na normatização da língua se dá considerando as influências históricas do método behaviorista no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Embora atualmente se fale em uma abordagem comunicativa, no entanto, observamos a dificuldade de romper com o paradigma tradicional. Coracini (2007) faz uma crítica à forma como a abordagem comunicativa disfarça a homogeneidade no ensino de línguas estrangeiras trazendo a visão de cultura de forma estereotipada e pouco crítica.

Outra explicação, também fundamentada nas heranças históricas carregadas até os dias de hoje, está no ensino/aprendizagem como dispositivo de controle. Bauman (1999) explica essa ideia como herança do modelo Panóptico como dispositivo de controle social. Foucault (1929/1999), em sua obra Vigiar e Punir, também explica o Panóptico como o modelo de vigilância dos hospitais, das escolas e prisões, onde um poder central vigiava muitas pessoas, e essas tinham consciência dessa vigilância. Relacionando esses estudos ao ensino de inglês, observamos que o ensino dessa língua acontece de forma homogênea na ilusão de que o controle e o domínio garantem sua eficácia. O discurso de globalização reforça a necessidade de dominar a língua inglesa, e esse domínio se confunde na busca por um ensino fundamentado nas estruturas gramaticais. Logo, dominar o inglês significa dominar o conhecimento linguístico dessa língua.

No excerto 1, podemos observar a importância das regras gramaticais se sobrepondo a importância da tradução. O objetivo da professora se resume ao aprendizado dos alunos em relação à conjugação do verbo to be, trazendo a tradução como fator sem importância nesse processo. Para professora, não tem problema caso os alunos não saibam a tradução da frase, o

importante é que eles saibam conjugá-la. Dessa forma, o discurso da professora produz um efeito de sentido que desconstrói qualquer preocupação dos alunos em entender o sentido da frase antes de conjugá-la. Outra observação, dessa vez nos excertos 1 e 2 é no fato da professora explicar a gramática de forma homogênea como se fosse uma fórmula de física, na qual uma mesma fórmula serve para resolver vários outros cálculos. No entanto, é preciso considerar que diferentemente da física, a linguagem é heterogênea e variável, tanto é verdade que as regras gramaticais são permeadas de exceções.

### **Excerto 3 (aula 12/05/2016):**

P: “Para ser um bom aluno de língua você tem que ter a coragem de experimentar e assumir riscos. Aí você ia sublinhar que verbo? Have ou has? No exemplo está has não é isso? Has é o que? É o verbo have na terceira pessoa do singular. [silêncio absoluto] Estão compreendendo? Olá, tem alguém aí?? Isso é só uma revisão do que vocês viram com [nome da professora antiga]. Eu trouxe um vídeo na aula passada no data show, para não ficar uma coisa massante, eu escrevendo tudo denovo outra vez. E agora o exercício é para a gente botar em prática né? Pra fazer a prova. Então vamos tentar a letra b. O bom aluno de línguas, é try ou é tries? E aí?”.

Neste excerto a professora traz uma atividade que tem como assunto: o presente simples: o uso dos verbos na terceira pessoa do singular. Observamos uma tentativa de contextualizar os exercícios gramaticais à importância de aprender inglês conforme o seguinte trecho já traduzido: “Para ser um bom aluno de língua você tem que ter a coragem de experimentar e assumir riscos. Aí você sublinhar que verbo? Have ou has?”. Apesar de trazer uma sentença mais complexa a professora se prende a forma gramatical. Não aconteceu discussão nem reflexão alguma sobre o que significa ser um bom aluno de língua, e assim a exposição da frase se restringiu à questão gramatical.

Uma segunda problemática esta na falta de interação entre a professora e a turma. Durante a explicação alguns alunos encontravam-se dispersos, outros conversando entre si sobre assuntos paralelos, em determinado momento na frase da professora: “Estão compreendendo?” os alunos permanecem em silêncio absoluto e a professora insiste: “Olá tem alguém aí?” porém o silêncio continua. O exercício não chama atenção dos alunos e mesmo assim a professora continua a sua aula. Diante de tal situação, observamos a necessidade do professor estar preparado para situações inusitadas. Nesse exemplo, um plano B ou até uma mudança de metodologia pudesse retomar a atenção dos alunos. Diante da heterogeneidade de uma sala de aula o professor precisa estar preparado para lidar com diferentes situações. Diante de um mundo globalizado e tecnológico onde o fato de conhecer não é o suficiente para as necessidades do

ensino/aprendizagem da atualidade, Freitas (2004) propõe um ensino/aprendizagem baseado na abordagem por competência. Essa proposição consiste em considerar além do conhecimento linguístico, promover a consciência crítica da linguagem, concebendo-a como uma prática social, e nesse processo saber relacionar os saberes à sua operacionalização nos diversos níveis de complexidade. Segundo Freitas (2004, p. 119): “Nesses tempos pós-modernos de fluidez, fragmentação e provisoriedade, a urgência e a incerteza são, realmente, companheiras de trabalho do educador e este se depara com a necessidade de desenvolver as competências necessárias para com elas lidar”. Portanto, diante das necessidades do ensino/aprendizagem de hoje o professor tem o desafio de saber agir na ausência de modelos pré-existentes e tradicionais.

Uma terceira questão esta relacionada ao uso das ferramentas tecnológicas. A professora se mostra atualizada ao utilizar as ferramentas tecnológicas como mais um recurso na aula, ela justifica esse uso em função da otimização do tempo, como também do exercício monótono que seria se fosse escrever no quadro: “Eu trouxe um vídeo na aula passada no data show, para não ficar uma coisa massante, eu escrevendo tudo denovo outra vez”. A partir desse trecho sobre o uso da tecnologia em sala, Coracini (2007) traz a discussão sobre a naturalização do discurso de globalização que postula o uso das novas tecnologias nas práticas pedagógicas como ferramentas necessárias e eficazes. Diante desse contexto, as novas tecnologias são legitimadas como única alternativa, o que se percebe a concepção homogênea da sociedade globalizada que busca a verdade absoluta das novas tecnologias como ferramenta única e salvadora do ensino aprendizagem. Essa concepção é levada para sala de aula, onde se instaura a ideologia de que todos os professores precisam saber lidar com tecnologia para melhorar o ensino/aprendizagem. A partir daí, acreditamos na importância da inserção de recursos tecnológicos na sala de aula como forma de interação e na promoção da aprendizagem, no entanto, é preciso refletir sobre essas ferramentas não meramente como a substituição do novo pelo velho. Dito de outro modo, não adianta mudar os instrumentos (o quadro de giz ou pincel para o data show), se a prática pedagógica permanece a mesma.

Por fim, na frase: “E agora o exercício é para a gente botar em prática né? Pra fazer a prova”, a língua inglesa nas escolas esta muitas vezes relacionada a mais uma disciplina do currículo escolar. Um dos efeitos do discurso neoliberal de globalização é trazer o inglês como objeto de consumo para fins utilitaristas, seja para uma prova de vestibular, ou ENEM, seja para viajar para o exterior ou para conseguir um emprego bom no mercado de trabalho.

Ademais, a compressão de tempo e espaço no mundo

globalizado, como também a velocidade das novas tecnologias tem tornado a sociedade cada vez mais imediatista, e a partir daí é esperado um aprendizado rápido e imediato do inglês que diante desse contexto é imaginado como produto de conhecimento. Essas concepções acabam influenciando nos propósitos dos alunos e nos discursos dos professores sobre a língua inglesa. No caso da turma analisada nessa pesquisa, alguns trechos do discurso da professora mostram a ênfase na importância de aprender inglês apenas para passar nas provas de ENEM conforme o trecho: “Vocês tem que aprender a interpretar essas frases, essas coisinhas assim que cai muito em ENEM, certo?”. Sabemos que o inglês é importante, pois é uma das línguas exigidas em provas nacionais a exemplo do ENEM, porém é importante que o propósito do ensino de inglês em sala de aula não se resume apenas a realização de provas bimestrais ou ENEM. De acordo com Ferraz (2015) a educação neoliberal tem se mostrado cada vez mais presente no mundo pós-moderno através de instituições, voltadas para o mercado de trabalho, fornecedoras de qualificação e certificados profissionais internacionais, e de proficiência linguística. Ainda segundo o autor, os cursos oferecidos por essas instituições são baseados na fragmentação do conhecimento e dos currículos, tendo em vista que os assuntos geralmente são abordados para fins específicos, desconsiderando a complexidade dos temas curriculares. Essa realidade se estende à língua inglesa, em que a sua mercantilização tem sido comprovada com a indústria de certificação do inglês através de cursos de idiomas, cursos online, e intercâmbio.

Essas discussões mostram o quanto o ensino das línguas estrangeiras, a exemplo do inglês, tem se direcionado a uma vertente técnica em que o ensino/aprendizagem da língua se restringe muitas vezes ao seu conhecimento linguístico, deixando de lado os conhecimentos éticos, políticos, econômicos e culturais. Dito de outro modo, os efeitos do neoliberalismo trazem a língua inglesa como produto, que é comercializado de forma instrumentalizada, tendo em vista o imediatismo do mundo globalizado. Assim, a aprendizagem acaba sendo comprimida através do ensino técnico para servir a uma sociedade consumista e imediatista que tem como necessidades a aprendizagem da LI para propósitos utilitaristas. Essa configuração traz uma série de implicações para o sistema educacional do Brasil, pois o conhecimento que permeia o contexto escolar muitas vezes não aborda questões relacionadas à política e a cultura da língua inglesa. A falta de discussões sobre a difusão do inglês envolvendo questões políticas e culturais favoreceram e continuam favorecendo a difusão dessa língua pautada em discursos imperialistas e de opressão que intensificam as desigualdades sociais.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao longo das discussões desse artigo, pudemos analisar as marcas do discurso neoliberal de globalização e seus efeitos no ensino de língua inglesa. Os resultados mostram a predominância do discurso neoliberal de globalização legitimado no discurso da professora como verdade absoluta e inquestionável.

Diante de um mundo globalizado, onde se observa o desenvolvimento de vários setores do país, o ensino/aprendizagem de inglês permanece estagnado em função dos interesses neoliberais de globalização que postula a língua inglesa como mercadoria de consumo. De acordo com nossas observações, pudemos analisar que as representações da LI nos discursos da professora estão sempre atravessadas por essa ideologia neoliberal. Nesse sentido, o inglês enquanto língua global está associado ao sucesso, felicidade e progresso. O discurso de globalização tem como tema central a importância em aprender a LI, porém a aprendizagem dessa língua está sempre voltada para propósitos utilitaristas como viajar para o exterior, alcançar um bom emprego no mercado de trabalho, passar em exames ou provas específicas para obtenção de certificados. Em virtude de tais necessidades, a língua é ensinada de forma simplista, se resumindo ao conhecimento linguístico. Nas aulas observadas, o foco no ensino de inglês está nas suas estruturas gramaticais, expostas muitas vezes de forma descontextualizada, e o propósito em aprender inglês se resume a passar nas provas bimestrais e na prova do ENEM. Tais propósitos reforçam a concepção do inglês enquanto instrumento de desigualdades, bem como uma moeda de troca que beneficia os mais favorecidos e exclui aqueles que o sistema priva de oportunidades.

Por fim, é preciso rever o ensino/aprendizagem de inglês, e entender a importância dessa língua não apenas pelo seu conhecimento linguístico, mas, sobretudo, como um instrumento de ressignificação do sujeito, possibilitando olhares múltiplos, bem como novas formas de ver e perceber o mundo. Diante das transformações vividas na contemporaneidade, é necessário compreender que a reflexão e a criticidade produzem discursos capazes de desconstruir ideologias dominantes, como é o caso da ideologia neoliberal, e que a aprendizagem da língua inglesa não significa a subserviência à cultura norte-americana.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do Discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Língua materna – estrangeira: entre saber e conhecer. In: **A celebração do outro: arquivo memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição, Hucitec-2006. Capítulos 1 e 2: Estudo das ideologias e filosofia da linguagem; Relação entre infra-estrutura e as superestruturas; p. 29-46.

CORACINI, Maria José. Subjetividade e identidade do (a) professor (a) de português. \_\_\_\_\_. In: **Identidade & discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. p.239-255.

\_\_\_\_\_; Maria José. Pós – modernidade e novas tecnologias no discurso do professor de línguas. In: **A celebração do outro: arquivo memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2007.

FERRAZ. Daniel de Mello. **Educação crítica em língua inglesa: neoliberalismo, globalização e novos letramentos**. 1ª Edição. Curitiba: editora CRV, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitari, 2012.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20ª Edição. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FERRAZ. Daniel de Mello. **Educação crítica em língua inglesa: neoliberalismo, globalização e novos letramentos**. 1ª Edição. Curitiba: editora CRV, 2015.

FREITAS, Maria Adelaide de. Educação e ensino de língua estrangeira hoje: implicações para a formação de seus respectivos profissionais e aprendizes. In: ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (Org.). **Prática de ensino de língua estrangeira. Experiências e reflexões**. Campinas, SP: Pontes, Arte Língua, 2004. p.117-130.

LE BRETON, Jean-Marie. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola, 2005.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORLANDI, EniPulcinelle. **Discurso e leitura**. Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.